

## REPRESENTAÇÕES DA DIÁSPORA NOS ROMANCES DE CARYL PHILLIPS

Thomas Bonnici<sup>1</sup>

---

**Resumo.** Analisa-se a representação da diáspora do Negro durante a escravidão e no mundo contemporâneo em dois romances do autor caribenho Caryl Phillips. O fenômeno da diáspora e dos movimentos diaspóricos é investigado e inserido no contexto da colonização, migração, escravidão, criouliização e cultura híbrida. *Crossing the River* (1993) e *A Distant Shore* (2003) narram dois momentos da diáspora do Negro. Enquanto *Crossing the River* rasteia certos eventos na vida de três negros no Novo Mundo após terem sido vendidos, ainda crianças, pelo pai na África, *A Distant Shore* revela a diáspora contemporânea do Negro que foge dum país africano, mergulhado em guerra civil, para a Inglaterra, e suas tentativas para encontrar uma vida acolhedora. O preconceito e o deslocamento frustram as suas expectativas no exato momento em que começa a surgir um tênue indício de comunicação com uma mulher branca. Nesses dois romances Phillips discursa sobre a inutilidade de voltar à cultura africana primitiva, a experiência de *umheimlichkeit*, o constante deslocamento, o desenraizamento causados pelo regime escravocrata e pela hegemonia branca em vigor.

**Palavras-chave:** diáspora; Caryl Phillips; deslocamento; desenraizamento; fragmentação do sujeito.

## REPRESENTATIONS OF DIASPORA IN CARYL PHILLIPS'S NOVELS

**Abstract.** The representation of Negro diaspora during slavery and in the modern world is analyzed within the context of two novels by Caribbean Caryl Phillips. The diaspora phenomenon and diasporic movements are investigated in the wake of colonization, migration, slavery, creolization and hybrid culture. *Crossing the River* (1993) and *A Distant Shore* (2003) narrate two different instances in the Negro diaspora. Whereas *Crossing the River* records events in the life of three Negroes in the New World after having been sold by their father in Africa, *A Distant Shore* reveals the contemporary diaspora of a Negro who runs away from an African civil war stricken country and goes to England expecting a humane place. Racial bias and displacement frustrate his expectations at the precise moment that some communication with a white woman starts. In these

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá.

two novels Phillips debates the uselessness of returning to primitive African Culture, the experience of *umheimlichkeit*, constant displacement, uprootness caused by a slave regime and by white hegemony still at large.

**Key words:** diaspora; Caryl Phillips; displacement; uprootness; split subject.

---

### O CARIBE E SUAS LITERATURAS

A peculiaridade e a diversidade criativa da literatura em língua inglesa do Caribe se originam da natureza idiossincrática de sua colonização. Diferente daquilo que aconteceu nas colônias invadidas (Índia ou África do Sul) ou nas colônias de assentamento (Brasil ou Estados Unidos), o Caribe pode ser caracterizado por uma colonização de dupla invasão (Ashcroft et al. 1991), já que a população original foi praticamente extinta e substituída por uma população escrava negra trazida da África entre os séculos 16 e 19, e por trabalhadores contratados (*indentured labor*) da Ásia no século 19. O romance caribenho contemporâneo de língua inglesa está se tornando um fator muito importante no contexto literário por suas representações do sujeito colonial e por suas reflexões sobre a abrangência das repercussões da migração forçada na cultura contemporânea.

Embora imerso numa cultura híbrida, o autor caribenho mostra uma profunda ambigüidade em sua subjetificação. James (1992, p. 306) descreve esse turbilhão caribenho.

O Caribe jamais foi um território colonial tradicional com relacionamentos econômicos e políticos próprios, entre duas culturas diferentes. A cultura indígena já se foi, faz muitos séculos. A civilização americana indígena foi aniquilada. Cada ano, a população trabalhadora, escrava ou livre, assumia cada vez mais a linguagem, os costumes, os objetivos e o ponto de vista de seus amos. Crescia assustadoramente até tornar-se a maioria aterradora no contexto da população. A minoria dominante, portanto, estavam na condição de um pai que gerava filhos mas tinha de se precaver para que esses não o expulsassem. Havia apenas uma saída: procurar reforços no exterior. Esse fato continuou até os nossos dias.

Efetivamente muitos escritores caribenhos viveram ou vivem fora de seu país, especialmente nos antigos centros coloniais (Reino Unido ou França) ou nos Estados Unidos. Pode ser que Edgar Mittelholzer e

Wilson Harris (Guiana), Samuel Selvon (Trinidad), George Lamming (Barbados), Jamaica Kincaid (Antígua), Jean Rhys (Dominica), Caryl Phillips (St. Kitts) e outros tenham sentido a “necessidade de escapar” (Naipaul, 1975, p. 45), principalmente devido à cultura derivativa e ao sentimento de deslocamento. Todavia, todos têm em comum as raízes culturais africanas e a diáspora africana, fatores fundamentais para que se tenha uma verdadeira compreensão do romance caribenho. É talvez por cause dessa “africanidade” que os autores caribenhos primam pela linguagem e esta, por sua vez, é uma forte contraposição ao centro colonizador. De fato, a literatura caribenha sempre foi um desafio à posição monolítica da literatura canônica britânica e francesa (Figueiredo, 1998). Basta mencionar Jean Rhys, George Lamming, e Aimé Césaire com sua reescrita de *Jane Eyre*, de Brontë, e *The Tempest*, de Shakespeare, os quais abriram a tendência para a representação da diáspora. “Os jovens escritores e os críticos negros na Inglaterra estão cada vez mais conscientes e estão efetivamente explorando em seus trabalhos essa ‘estética da diáspora’ e sua formação na experiência pós-colonial” (Hall, 1993, p. 402).

Em seus romances Caryl Phillips (nascido em St Kitts em 1958), especialmente em *Crossing the River* (1993) e *A Distant Shore* (2003), une a África, as ilhas do Caribe e a Inglaterra / os Estados Unidos para representar a diáspora e o deslocamento. As suas narrativas mostram não apenas a destruição causada pelo deslocamento durante o período escravocrata, mas, de modo especial, as repercussões atuais na identidade do negro nas Américas e alhures.

#### A DIÁSPORA E O DESLOCAMENTO

A diáspora (do grego *διασπορά*, dispersão) é o deslocamento forçado ou livre de pessoas de seu lar ou de sua pátria para outras regiões. Distinguem-se a diáspora na era pré-transnacional e a diáspora na era transnacional. A primeira foi o “resultado de opressão religiosa e de guerra, de escravidão e de trabalho contratado, de comércio e de conquista, além da migração intra-européia, a qual, no século 19, transformou-se em migração e imigração aos Estados Unidos. [A segunda compreende] a migração eurocêntrica, exportação de mão-de-obra masculina e feminina, transposição de fronteiras, tráfico de mulheres” (Spivak, 1996, p. 245). O colonialismo então provocou os dois tipos de diáspora: milhões de europeus se mudaram para outros países, especialmente, das Américas em busca de riquezas, trabalho e comércio;

milhões de africanos foram capturados e enviados à América para trabalharem como escravos nas plantações e nas minas para abastecer e enriquecer as metrópoles européias (Seed, 2002; Thomas, 1997). Constituiu-se também diáspora o fato pelo qual, após a abolição do tráfico negreiro, milhares de chineses e indianos foram contratados para trabalhar no Caribe. Outro tipo de diáspora resulta na direção oposta, ou seja, a emigração significativa de caribenhos e africanos para os centros metropolitanos do Reino Unido, do Canadá e dos Estados Unidos, nos quais formaram comunidades híbridas (Farrell, 2000).

O termo diáspora evoca os termos *unheimlich* e *unheimlichkeit*, de Heidegger, com o sentido de ‘não estar em casa’ e de sentir-se ‘estranho e deslocado’. Portanto, no caso de colonizadores voluntários de assentamentos, o espaço não-colonizado deve ser transformado num lugar controlado pela linguagem, pela invenção de palavras, pela revisão da paisagem original, todos fatores essenciais para a formação de uma nova mentalidade. Essa mentalidade não se reduz nem a uma mera repetição da cultura da pátria mãe nem a uma adaptação estreita da cultura local. Uma hibridez positiva é consequência da identidade diaspórica.

No caso de povos indígenas que não necessariamente sofreram o deslocamento físico, a diáspora aconteceu por uma mudança no status de sua cultura, que ficou hierarquizada e colocada em grau inferior, enquanto a variedade eurocêntrica, representada pela religião, educação, administração da justiça, tornou-se hegemônica. A cultura coesiva de outrora foi subvertida, causando uma profunda degradação cultural.

Na diáspora na era moderna (escravidão) e contemporânea (pela emigração em busca de trabalho ou pela fuga das guerras civis), a fragmentação do sujeito é mais profunda e mais extensa. Uma linguagem diferente, um novo sistema trabalhista, memórias quase-apagadas de ‘casa’, imersão numa cultura nova produzem o desenraizamento. Nessa paisagem diferente, porém, os escravos e os emigrantes contemporâneos tentaram e tentam reestruturar uma nova identidade e subjetividade. Nessas últimas comunidades o afastamento da ‘casa’ e da cultura original vai *pari passo* com a reconstrução de comunidades diaspóricas fortemente permeadas de formas culturais diferentes e altamente subjetificantes. Para a pessoa deslocada, a pátria ou o lar “não é mais um único lugar, mas uma série de lugares [...]. A dispersão e a fragmentação são aceitas como fatores na construção de uma nova ordem mundial que revela mais plenamente onde estamos e o que nos podemos tornar” (Hooks, 1991, p. 148).

Os dois romances de Phillips representam os dois tipos de diáspora descrita acima. *Crossing the River* retrata a diáspora pré-transnacional e suas repercussões no mundo contemporâneo de pessoas fragmentadas; *A Distant Shore*, com suas mudanças diegéticas, retrata a diáspora transnacional, realçando a fragmentação do negro contemporâneo e a frustração inerente à sociedade contemporânea. O passado é relembrado de uma maneira fragmentária, os personagens vivem uma vida fragmentada e a narrativa desenvolve pela textura dos fragmentos. Nesse mundo ficcional, eminentemente caótico, o leitor precisa entender e interpretar as lacunas, os silêncios e as ausências.

### A FÁBULA DE CROSSING THE RIVER

Quatro narrativas compõem o romance *Crossing the River*, tiradas da história afro-americana e da diáspora, e compreendendo 250 anos. O prólogo narra a experiência de um pai africano que vende dois filhos e uma filha ao capitão John Hamilton, capitão do navio negreiro inglês (narrada na terceira parte). A primeira, segunda e quarta narrativa retratam a vida de Nash, Martha e Travis, respectivamente, os quais não são as crianças nascidas na África, mas representantes delas esparramadas na África, nos Estados Unidos, e na Inglaterra. A quarta narrativa narra a história do soldado estadunidense afro-descendente Travis na sua estada no Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial e seu relacionamento amoroso com Joyce, uma mulher branca inglesa. O narrador narra a vida comum de Joyce de 1936 a 1963 e apenas na entrada para abril 1943 aparece o nome Travis e o de seu filho Greer. Travis morre na guerra e Joyce encontra com o filho após muitos anos. O Epílogo fornece um panorama sobre o negro espalhado pelo mundo, com seu canto, sua dança, sua cultura e sua linguagem variada. O narrador é o pai africano que lembra os descendentes africanos lutando para uma vida de inclusão no mundo contemporâneo.

### DE VOLTA À ÁFRICA

Na primeira narrativa Nash Williams, alforriado pelo seu amo, foi enviado em 1834 à recente fundada colônia da Libéria para civilizar e cristianizar os seus “irmãos” africanos em sua própria “pátria”. Esse radical desenraizamento de Nash o faz deixar os princípios cristãos e retornar à vida primitiva africana com sua poligamia e culto animista.

Quando Edward Williams vai à África para se encontrar com seu ex-escravo, percebe a dura realidade do negro que se tornou nativo.

O personagem Nash Williams é o protótipo da diáspora Africana nos Estados Unidos e da diáspora inversa do Negro americano na África, seu continente de origem. A narrativa mostra que o menino vendido pelo pai em 1752 não é o mesmo homem que foi educado na fazenda de Edward Williams e enviado para cristianizar o negro na Libéria (“Tive bastante sorte em ter nascido num país cristão”, Phillips, 1994, p.21). O silêncio do texto a respeito de seus ancestrais na África e de seus parentes (especialmente o pai biológico) e a adoção de termos como pai (“Sr. Edward), irmãos (os outros escravos mantidos pela mesma família e que adotaram o mesmo sobrenome inglês), lar (a fazenda dos Williams), amor (entre amo e escravo) e outros tem uma função “religiosa” apenas e revela a comunidade escrava nos Estados Unidos.

A ausência da própria história familiar de Nash caracteriza um dos pontos cruciais da diáspora vivida pelo africano a partir de meados do século 15 até no último quartel do século 19. A diáspora forçada dos africanos quebrou a identidade tribal e comunitária e salientou atitudes não-comunitárias no continente americana. Essa não-identidade foi reforçada diante da obliteração de traços de religião ou costumes culturais originários da África. A memória de Nash se limita aos poucos anos vividos na fazenda no sul dos Estados Unidos e se contrasta à cultura centenária de seu povo e enraizada na tribo. Uma outra identidade foi construída, baseada no cristianismo e na cultura ocidental, a qual Nash considera pertencente a ele. Inculcou-se na mente dele de que a cultura pré-escravidão estava errada e, portanto, deve ser combatida e esquecida.

A conscientização de sem-lar e sem-pátria inexistente em Nash, a qual produziu dois fatores: (1) uma posição não-crítica, até uma justificativa, à escravidão, e (2) a aquisição da superioridade européia que exige a aniquilação de culturas “inferiores”. Nash considera o sofrimento, inerente à escravidão, como uma “bênção” porque produz a fortaleza e a estabilidade no caráter da pessoa. “Desde minha chegada à África descobri que os modos e os costumes de meu amo na América, embora pesados, formaram o alicerce de meu caráter e me fizeram sobreviver esse período de transição com relativa facilidade” (Phillips, 1994, p. 20). A religião cristã fez com que o escravo visse tudo, inclusive a dor e a falta de liberdade, *sub specie aeternitatis*. Ademais, a escravidão é vista sob a ótica civilizatória já que ajudou o africano a despir-se das “roupas da ignorância que cobrem os ombros dos [...] negros” (Phillips, 1994, p. 21).

A respeito do segundo fator, a superioridade cultural atual permeia Nash como cristão e como missionário. É tão profundo o aniquilamento cultural de Nash que ele adota a estratégia narrativa do colonizador para julgar, condenar, aconselhar e transformar o Outro. Na Libéria, diz ele, muitos ex-escravos adquirem “o costume de ficar sem fazer nada e deixar de trabalhar [...], roubando [...] como os nativos. [...], dançando aos sons da bebedeira, [...]. Por isso lhes peço, servos, vão à escola e aproveitem da oportunidade para estudar e aprender [...]. Se recusarem de ir à escola ou escutar as suas palavras, deverá puni-los” (Phillips, 1994, p. 18-21). Para Nash a África é “uma terra de escuridão”, a Libéria é “um país escuro e enfeitado”, a língua Africana “um idioma rude”, as aldeias são “pagãs”, os nativos “selvagens”, “supersticiosos” e “extremamente maus”, e o calor intenso faz com que os negros estadunidenses voltam ao estado primitivo, denotando a apostasia e a imoralidade. É incrível, ele diz, como se pode afirmar que “esses povos da África podiam ser chamados nossos ancestrais” (Phillips, 1994, p. 32).

Esse poder lhe dá a sensação de estar imune às doenças tropicais e ao relaxamento na moral e na religiosidade com que tantos americanos negros foram contaminados na repatriação.

De acordo com o teor da carta de seu ex-amo Edward Williams, Nash era o elo de um experimento vital, ou seja, a repatriação tinha a dupla finalidade de erradicar o paganismo da África e transmitir a fé cristã para os nativos africanos pela obra de missionários aparentemente “africanos” e supostamente mais acessíveis do que os missionários brancos. Portanto, Edward escreve que “nosso experimento depende muito sobre seu sucesso” (Phillips, 1994, p. 11). Camuflado sob a máscara da religião, o experimento se estende à colonização da cultura Africana que marcaria “a superioridade do estilo de vida americano sobre o africano” (Phillips, 1994, p. 27). Em sua carta de 1839 Nash insiste no grande objetivo americano: “inculcar nas mentes [dos nativos] os valores da civilização americana que seus amos se esforçavam para eles assumirem” (Phillips, 1994, p. 31).

Para que a religião cristã pudesse ser hegemônica no continente africano, essa segunda diáspora, dos Estados Unidos à África, quebrando o silêncio da primeira, foi descrita em grandes detalhes. Inicialmente, o objetivo de Nash é religioso e nenhum problema, envolvendo a saúde, as doenças tropicais, a rude língua africana, o trabalho duro da roça, a ausência da garantia de uma boa colheita, o perigo com animais ferozes, o move de seus propósitos. Todavia, essa atitude é desconstruída por um firme propósito de organizar sua vida segundo padrões estadunidenses e,

portanto, capitalistas: a superioridade de ser um sitiante, a venda do excesso agrícola, o trabalho intenso agrícola a que submete seus empregados africanos nativos e a supervisão constante sobre eles. Em sumo, ele revela sua intenção de reproduzir não apenas a cidade de Deus mas a sociedade estadunidense no continente africano (Phillips, 1994, p. 25). De fato, ele se vê gradualmente dando prioridade às preocupações materiais em detrimento daquelas espirituais. De fato, o tipo de educação que pretende pôr na África gira em torno da Bíblia, dicionários, história, geografia e aritmética, ou seja, a reprodução do sistema educacional estadunidense no contexto de povos culturalmente diferentes. Mais grave ainda é a pretensão de que esse tipo de educação seja politicamente neutro e essencialmente aplicável aos nativos africanos.

A subjetificação de Nash acontece quando essa diáspora africana provoca atitudes verdadeiramente africanas. Aos poucos ele adota “o estilo nativo de viver”, considerado não civilizado por negros nascidos nos Estados Unidos e que causa ofensa “para todos os que tem a América como um farol de civilização, e um exemplo de tudo o que se deve admirar” (Phillips, 1994, p. 40). Esse processo envolve a rejeição de uma negra estadunidense com quem ele contraiu matrimônio, seu casamento com uma mulher nativa e com outras duas negras, a hegemonia patriarcal. Além disso, muda sua opinião sobre o continente e agora considera a África como “o berço da liberdade”, critica o tráfico humano e os escravocratas: “um opróbrio à nossa dignidade e uma mancha no nome de nosso país” (Phillips, 1994, p. 41).

Na medida em que se aprofunda no seu apreço à África, Nash se torna mais consciente de sua subjetividade. Sua última carta testemunha seu afastamento da “civilização” estadunidense e uma imersão na cultura africana com sua poligamia, os numerosos filhos, o estudo da língua Africana, as reuniões tribais, o orgulho de ter uma família pagã com mulheres cheias de generosidade e dedicação à família. Nash reconhece essa transformação de “um gentil homem e bom cristão” para “um pagão que mal consegue reconhecer” (Phillips, 1994, p. 61). Agora ele se refere à “tua América”, ou seja, a América dos escravocratas, e se dirige à África “que abriu meus olhos e afastou de mim a veste da ignorância que havia me cercado com tanta firmeza durante toda a minha vida” (Phillips, 1994, pág., 62). A narrativa mostra como esse Nash “degenerado”, vivendo nos lugares mais sujos da África, tomou consciência das terríveis injustiças cometidas pelo homem branco e como preferiu a liberdade a continuar desempenhando seu papel de colonizador negro. Esse tipo de diáspora invertido revelou ao Negro o verdadeiro conhecimento e a verdadeira

liberdade, desconhecidos quando estava sob o regime escravocrata do homem branco.

### RUMO AO OESTE: LIBERDADE

A segunda narrativa retrata Martha Randolph durante o período pré- e pós-Guerra Civil e a abolição da escravidão nos Estados Unidos em 1865. Após amargurar a separação do marido Lucas e da filha Elisa Mae, a fuga da escravidão e a vida de trabalho na cidade fronteira de Dodge, o assassinato do segundo marido Chester, ela se junta a um grupo de negros que, após a abolição, tenta construir a vida no oeste americano sem a intermediação do homem branco. Ela morre no caminho de sua libertação.

A narrativa de Martha é narrada após a emancipação pós-guerra quando ela está morrendo em Denver, Colorado. O trajeto de sua vida abrange as fazendas do estado da Virgínia, a travessia do Missouri, a estada em Kansas e sua parada final em Colorado, rumo à Califórnia. Enquanto a finalidade da viagem de Nash é a “civilização” dos africanos nativos, ou seja, um outro tipo de escravidão, a ocidentalização de Martha é “prospectando uma nova vida sem dar atenção ao homem branco e a seus costumes. [...] Prospectando um lugar onde as coisas são um pouco melhor. [...] Prospectando um lugar onde teu nome não se reduz a ‘nego’ ou ‘titia’, e onde tu comesças a participar desse país sem sentir que realmente não fazes parte dele” (Phillips, 1994, 73-4). O deslocamento e a diáspora da “garota altiva” equivale à fuga do homem branco e de sua cultura.

Para Martha a diáspora iniciou uma atitude de união com outros negros e de construção de comunidade. Casando-se com o negro Lucas e tendo dele a filha Eliza Mãe, Martha mostra toda sua ternura, apesar da brutalidade da vida, especialmente quando deles foi separada pelos compradores de escravos. Mostrou sua subjetividade quando fugiu da família Hoffman, enfrentou dez anos trabalhando numa cidade fronteira, e não desanimou quando testemunhou o assassinato de seu segundo marido nas mãos dos brancos. Foi Chester que a ensinou que o negro deve ter a autoconfiança para se sentar junto aos “comerciantes, relojoeiros, marceneiros, ferreiros, mecânicos, médicos e advogados” (Phillips, 1994, p. 84). Nessa cidade da fronteira sentia-se tão livre que o Ato de Emancipação não fez diferença nenhuma em sua vida. Ciente de que nem os estados racistas do sul nem os estados tradicionais do nordeste favoreceriam maior liberdade à comunidade negra, Martha fez

“parte do êxodo de pessoas de cor que estavam se direcionando ao oeste” (Phillips, 1994, p. 87). “Inferno” é o apelido que Martha dá ao ambiente diaspórico das regiões contaminadas pela ideologia da superioridade do homem branco e de seu preconceito contra o negro. De fato, considera o Oeste como uma Terra Prometida, um novo lugar onde Negros e Brancos poderiam viver e trabalhar livremente sem nenhum preconceito. “Aprecio muito esse povo corajoso – esses pioneiros negros – com que viajo” (Phillips, 1994, p. 92), ela diz. Apesar de ser uma mulher velha, a comunidade dos negros a integram na caravana do êxodo. Ela não chega efetivamente na Terra Prometida, mas sua luta constante para a liberdade e a dignidade já constitui um conquista.

Baseia-se a diáspora de Martha no princípio de que não há mais retorno à África ou ao leste dos Estados Unidos e que, no contexto histórico, a dignidade do Negro se constrói numa sociedade de iguais. Contrastando o que foi inculcado na mente de Nash, a volta ao passado (o retorno à África) e, pior ainda, a civilização e a cristianização da África a partir da ação missionária de Negros cristãos, é praticamente uma perpetuação do imperialismo ocidental incorporado pelos Estados Unidos. Em seu livro *The Atlantic Sound*, publicado em 2000, Phillips esclarece a incongruência e a futilidade da política do retorno à África. Salienta-se o fato de que o Negro americano não é um africano e sua cultura atual é radicalmente diferente daquela dos nativos africanos. Poderia haver gestos simbólicos entre os afrodescendentes e os africanos nativos, mas o retorno ao ambiente pré-escravidão é tão violento quanto foi o deslocamento de seus ancestrais para o Novo Mundo. A solução mais positiva encontra-se na apreciação da cultura híbrida e na comunidade sem preconceitos (Bhabha, 1994; Young, 1995; 2001).

Essa solução acima equivale à política “rumo ao oeste”: uma conscientização que desmascara a suposta ternura praticada pelo regime escravo. Martha não se engana: ela sabe que o dono da fazenda em Virgínia venderia seus escravos como reses se precisava de dinheiro (como de fato fez) e que os Hoffman não mostravam nenhuma sensibilidade em cogitar a venda de Martha e a conseqüente separação de sua família. Portanto, a diáspora não somente eliminou a fé no homem branco e na sua civilização, mas indicou ao Negro uma estratégia de sobrevivência e de civilização híbrida em seu próprio país.

“Rumo ao oeste” implica também a recusa da cultura estadunidense baseada na religião cristã. Embora a sedução da cultura africana e de seus deuses ainda exerça sua influência, ela não encontra nenhum suporte histórico ou existencial para fazê-la desabrochar. “Nesse

estado do Kansas, Martha freqüentemente ouvia vozes. [...] Vozes do passado. Reconhecia algumas; outras não. Contudo, escutava. A par de seu desespero, O sr. e a sra. Hoffman levaram Martha para um retiro espiritual, perto do rio. [...] O jovem missionário pregava com toda a sua eloqüência; Martha, porém, não encontrava paz na religião, e foi incapaz de simpatizar com os sofrimentos do filho de Deus quando os comparou com os próprios sofrimentos. Fixava seu olhar no céu de Kansas. A lua, qual escudo, brilhava. Ouvia vozes ainda” (Phillips, 1994, p. 79). As vozes do passado (“escuros” e “satânicos”) são africanas e aquelas que Martha não reconhece podem ser os sinais da religião cristã ensinada aos escravos no momento que pisaram os pés no Novo Mundo. Parece que Martha intuiu a destruição e a ruptura que a religião cristã causaria na sua mente. Os Hoffman poderiam ter sido “bons” e “religiosos”, mas eram os amos, imbuídos pelo complexo de superioridade, poder e zelo, próprio do homem branco, pronto para hierarquizar tudo o que é diferente e não-branco. O caminho de Martha e da comunidade negra, embora quebrado e fragmentado, visa a retomada da subjetividade pelo trabalho e na liberdade. O projeto “rumo ao oeste” de Martha não é a construção de império como foi inicialmente o de Nash ou de outros brancos em busca de ouro durante a mesma época. Embora ela não tenha chegado a seu objetivo devido à sua morte, a comunidade dos Negros continuou a sua caminhada na qual os vários sinais de amizade e compreensão mostrados na estrada são indicações de sucesso.

Em se tornar “nativo”, Nash ressurgue como sujeito. Embora não haja indícios, pode ser que a construção da comunidade, “pagã” e “negra”, junto a suas esposa e filhos, seja o resultado do trabalho de Nash antes de morrer no interior da Libéria. Enquanto o objetivo verdadeiro do amo Edward Nash de repatriar ex-escravos à África fosse mais próximo ao incremento do comércio entre os continentes (e portanto, a construção do império), parece que o resultado final da diáspora de Nash e de Martha se reduz a um distanciamento de uma utilização eurocêntrica de pessoas para a construção de império e uma aproximação rumo à construção de uma comunidade baseada sobre princípios de igualdade (Green, 1980; Richards, 1989; Kuznets, 1982).

### **RUMO NORTE: REFÚGIO E MORTE**

A fragmentação do Negro no contexto da nova diáspora se revela a partir da extreme não-linearidade do romance *A Distant Shore* (2003). Como esse romance carece de seqüência fixa de eventos, as noções de

tempo, espaço e da integridade mostram grande ruptura, o que implica também na desintegração do significado. Phillips não recria a história do passado, mas usa a História (nesse caso, a guerra civil e massacres num país africano; detenção de migrantes ilegais na Inglaterra) como um pano de fundo sobre o qual as narrativas desabroçam e estabelecem uma tensão entre a História e a estória de Gabriel/Solomon.

A narrativa quase caótica de Dorothy Jones, uma professora inglesa aposentada, de 55 anos, conta não apenas a sua vida mas também como ela conheceu o imigrante africano Solomon que trabalhava como guarda num conjunto residencial de Stoneleigh e que logo foi assassinado por um grupo de jovens racistas. Depara-se a diáspora do negro através de pontos cruciais na vida de Gabriel na ex-colônia britânica na África e os eventos na estada curta de Solomon na Inglaterra.

Em sua cela em Londres Solomon revista fragmentariamente cenas de sua vida na África: as atrocidades da guerra civil, o assassinato de seus pais, a fuga de seu país com a ajuda de atravessadores, a terrível viagem de caminhão, avião, ônibus, barco e trem da África à Europa, a aterradora travessia para Dover e sua detenção como imigrante ilegal. Medita ainda sobre seu passado remoto como soldado na guerra civil e as atrocidades cometidas por seus companheiros para conseguir a dominação política. Estigmatizado como imigrante ilegal e criminoso sexual, Solomon revê seu passado recente na Inglaterra intercalado por conversas com uma assistente social, um advogado, um motorista de caminhão generoso e um casal que o aceitam em sua casa, e sua luta para obter os documentos necessários para sua permanência no país e finalmente seu emprego como guarda noturno.

Embora a diáspora de Solomon não seja o resultado direto ou da escravidão ou de trabalho forçado, ficam patentes as lutas inter-tribais e as guerras civis como raízes no passado colonial quando as potências européias destruíram a cultura africana e os sistemas tribais (Wesseling, 1998). A nova diáspora é o resultado da expectativa pela qual o imigrante africano percebe a distância entre o atraso, a pobreza e a divisão de seu próprio país e a suposta tolerância na antiga metrópole. A violência e a guerra na ex-colônia são cotejadas à “prosperidade” interna, baseada na democracia, existente na metrópole. Portanto, a imagem idealizada da metrópole revela um país abundante em oportunidades de emprego, dinheiro, conforto, educação e democracia. Todo esforço, inclusive o assassinato e a tortura psicológica na viagem, é pouco quando comparado à felicidade que seria experimentada na chegada à Inglaterra, a mãe acolhedora.

Todavia, na nova diáspora Solomon enfrenta o preconceito, a precária defesa pública oferecida aos imigrantes, o tratamento médico sofrível, um profundo sentimento de insignificância, a perseguição por pessoas presumivelmente inocentes e o “prêmio de consolação” de um emprego marginal. Confirma-se esse status universal de imigrante na diáspora na perspectiva do iraquiano Said, seu companheiro de cela. Said percebe a enorme distância que há entre as suas expectativas e a realidade da metrópole: no início idealiza a Inglaterra onde “a liberdade está em tudo e em todos”; mas logo confessa sua decepção quando diz: “Na Inglaterra a luz é fraca. Ela me deprime. Levaram embora o sol” (Phillips, 2003, p. 71). Embora Solomon reconhece tendências de solidariedade individuais, como aquelas mostradas por Mike, o motorista de caminhão, pelos Andersons que oferecem um quarto para ele se abrigar, e por Dorothy que compartilha sua solidão, a nova diáspora em *A Distant Shore* revela a profunda decepção e solidão ao imigrante justamente no mesmo lugar em que ele esperava encontrar a solidariedade e a amizade. De fato, a fuga de seu país faz com que o homem ou a mulher diaspórica se embrenhe mais no conflito existencial e ambíguo do que quando estava na África.

A diáspora de Solomon como refugiado aprofunda mais o conhecimento sobre a transnacionalidade, ou seja, o efeito do processo envolvendo o tripé do colonialismo, imperialismo e neocolonialismo, o qual não consegue produzir uma sociedade civil estável e viável na ex-colônia. A ausência de democracia que Solomon percebe na ação bélica de seus amigos africanos, sua luta para o poder e o pleno desenvolvimento da anarquia indicam a continuação do estado colonial. Conseqüentemente, a recodificação de seu deslocamento para a “mãe pátria” como o *locus* da democracia, inclusão, participação, cidadania é fadada ao fracasso. De fato, mais uma vez ele é catalogado como uma subclasse diaspórica destinada a ser explorada e objetificada. Descrevendo o corpo de Solomon assassinado, Dorothy revela essa profunda decepção: “Meu problema é que meu amigo foi encontrado nesse canal com o rosto para baixo e ninguém se importa” (Phillips, 2003, p. 42). É uma prova irônica da colonização interna do africano diaspórico num país democrático.

Como problema coletivo, a diáspora transnacional não pode ser bem sucedida porque não representa a grande quantidade de habitantes dos países pobres fugindo de países destruídos pelas guerras ou lutando para trabalhar na Europa. Embora o africano Gabriel facilmente se transforme no “inglês” Solomon através de seu comportamento gentil,

paciente, cheio de vontade de se comunicar com os outros, ele é apenas o sinal de sua própria diáspora e não da dos africanos diaspóricos que não têm a mesma sorte. Prescindindo do fato de que foi assassinado, seu emprego, a aquisição de cidadania e a amizade com certas pessoas são fatores de subjetividade, ou seja, a conquista individualista e míope da cidadania, sem nenhuma repercussão sobre seus compatriotas em diáspora. A diáspora o fez apenas um objeto útil.

### CONCLUSÃO

O ponto final na amizade entre Dorothy e Solomon, com sua dupla solidão e sofrimento, simboliza a fragmentação do indivíduo, seja branco ou negro, num mundo transnacional. Nash e Martha se subjectificam quando viajam em direção oposta. A “viagem espiritual” à África o leva a rejeitar um Deus alheio e a civilização eurocêntrica. A assimilação de uma tradição cultural diferente pode não agradar ao cidadão europeu ou americano mas revelou a Nash fatores muito positivos em tornar-se nativo. A objetificação e a ausência de liberdade vividas por Nash nos Estados Unidos produzem uma subjetividade extrema numa diáspora aparentemente caótica. Além disso, a viagem de Martha rumo ao oeste é uma constante experiência em subjetividade e cidadania. Externamente seu deslocamento e sua situação sem-lar resulta numa diáspora fadada ao fracasso. Efetivamente é uma diáspora vivida até as últimas conseqüências, constituindo um projeto de construção de comunidade e o anseio da verdadeira liberdade numa sociedade híbrida. Por outro lado, *A Distant Shore* representa as conseqüências da diáspora transnacional ou do deslocamento num mundo globalizado, sejam o que forem suas causas. A frustração e a solidão não são próprias do Negro que, querendo ou não, emigra para a antiga metrópole colonial. Fazem parte também do moderno cidadão de qualquer país desenvolvido também. Embora haja um desencontro nas vidas de Dorothy e Solomon, realmente elas são idênticas, ou seja, constituem os lados da mesma moeda. A diáspora de Solomon coincide com a “diáspora” da professora branca que estende sua mão a alguém para aliviar a sua solidão. Embora diferente da antiga diáspora, a diáspora transnacional reduz o indivíduo a um objeto sem nenhuma chance de qualquer tipo de subjetividade ou exercício de cidadania.

## REFERÊNCIAS

- ASHCROFT, B; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. London: Routledge, 1991.
- BHABHA, H. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.
- FARRELL, M. *British Life and Institutions*. London: Chancerel, 2000.
- FIGUEREDO, E. Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana. Niterói: EdUFF, 1998.
- GREEN, M. *Dreams of Adventure, Deeds of Empire*. London: Routledge and Kegan Paul, 1980.
- HALL, S. Cultural Identity and Diaspora. In WILLIAMS, P.; CHRISMAN, L. (ed.) *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory*. Brighton: Harvester, 1993, p. 392-403.
- HOOKS, B. *Yearning: Race, Gender and Cultural Politics*. London: Turnaround, 1991.
- JAMES, C.L.R. From Toussaint l'Ouverture to Fidel Castro. In GRIMSHAW, A. (ed.) *The C.L.R. James Reader*. London: Blackwell, 1992, p. 304-310.
- KUZNETS, L. Communities of Women: and Idea in Fiction. *Children's Literature Association Quarterly*, v. 7, n. 4, 1982, p. 10-15.
- NAIPAUL, V.S. *The Middle Passage*. Harmondsworth: Penguin, 1975.
- PHILLIPS, C. *A Distant Shore*. New York: Knopf, 2003.
- PHILLIPS, C. *Crossing the River*. New York: Vintage, 1994.
- RICHARDS, J. (Org.) *Imperialism and Juvenile Literature*. Manchester: MUP, 1989.
- SEED, P. Ceremonies of Possession in Europe's Conquest of the New World (1492-1640). Cambridge: CUP, 1995.
- SPIVAK, G.C. Diasporas Old and New: Women in the Transnational World. *Textual Practice*, v. 10, n. 2, 1996, p. 245-269.
- THOMAS, H. *The Slave Trade*. New York: Simon & Schuster, 1997.
- WESSELING, H.L. *Dividir para dominar: A partilha da África 1880-1914*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1998.
- YOUNG, R.J.C. *Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture and Race*. London: Routledge, 1995.
- YOUNG, R.J.C. *Postcolonialism: an historical introduction*. London: Blackwell, 2001.